

FALANDO EM REDES: UMA CARTA PARA AS ORGANIZADORAS DO DOSSIÊ TEMÁTICO *ATIVISMOS FEMINISTAS NAS ARTES*, SOBRE MODOS DE ESCREVER E PUBLICAÇÕES DE MULHERES NA ACADEMIA

Luciana Lyra¹

Resumo: tecido de forma epistolar, em espelhamento com práticas antecessoras de escritas feministas (PERROT, 2007), este artigo traz à baila a reflexão sobre a produção bibliográfica de mulheres na academia, no campo das artes da cena. Exemplos recentes de alguns artigos, anais e dossiês, que interseccionam, de maneira panorâmica, artes cênicas e feminismos no Brasil, são lembrados, demonstrando a importância da iniciativa das ações em rede na publicização de temas e conteúdos ostensivamente invisibilizados pelo patriarcalismo acadêmico. Instaurando um jogo lúdico com a escritura, esta carta endereçada às próprias organizadoras deste dossiê, tematiza o ativismo feminista nas artes por meio das publicações científicas coletivas de mulheres artistas-pesquisadoras, e toma, por inspiração primeira, a carta de Gloria Anzaldúa (2000) *às mulheres do terceiro mundo*. Impulsionada pela ousadia desta feminista de origem chicana nos idos de 1980, a epístola que se segue celebra a capacidade de reinvenção de modos de escrita e de caminhos de evidenciação de escritos de mulheres da cena na seara científica, que, insurretos, avistam horizontes mais líquidos e livres.

Palavras-chave: Epístola; Modos de Escrita; Mulheres; Publicações científicas; Ativismo Feminista.

¹ Luciana Lyra é atriz, diretora, encenadora, dramaturga e escritora. Docente associada e bolsista produtividade (ART/UERJ), é docente permanente do PPGArtes/UERJ e do PPGACs/UFRN e UDESC, pesquisadora CNPq - Líder do Grupo de Pesquisa MOTIM - Mito, Rito e Cartografias Feministas nas Artes (UERJ) (<https://amotinadas.wixsite.com/motim>), artista fundadora do estúdio Unaluna - Pesquisa e Criação em Arte - SP (unaluna.unaluna.art.br). Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5440-5482>. E-mail: lucianalyra@gmail.com

SPEAKING OF NETWORKS: A LETTER TO THE ORGANIZERS OF THE THEMATIC DOSSIER *FEMINIST ACTIVISM IN THE ARTS*, ON WAYS OF WRITING AND PUBLICATIONS BY WOMEN AT THE ACADEMY

Abstract : written in an epistolary way, in mirroring with predecessor practices of feminist writing (PERROT, 2007), this article brings to light the reflection on the bibliographical production of women in the academy in the field of performing arts. Recent examples of some articles, dossiers, annals, which intersect, in a panoramic way, performing arts and feminisms in Brazil, are recalled, demonstrating the importance of the initiative of network actions in the publication of themes and contents ostensibly made invisible by academic patriarchy. Introducing a playful game with writing, this letter, addressed to the organizers of this dossier, thematizes feminist activism in the arts through the collectives scientific publications of women artist-researchers, and takes as its first inspiration, Gloria Anzaldúa's letter (2000) to women in the third world. Driven by the boldness of this feminist of Chicana origin in the 1980s, the epistle that follows celebrates the ability to reinvent writing modes and ways of disclosing the writings of women from the scientific scene, who, insurgents, sight more liquid and free horizons.

Keywords: Epistle; Writing Modes; Women; Scientific publications; Feminist activism.

Rio de Janeiro, 22 de julho de 2023.

Minhas queridas,

Nesta aurora ensolarada de sábado frente ao mar, recebi o prefácio do e-book MOTIM – OUTROS ENSAIOS (2023), que será publicado em breve pela Paco Editorial-SP, reunindo artigos/capítulos de pesquisadores/as do grupo MOTIM – Mito, Rito e Cartografias Feministas nas Artes², que, como sabem, lidero na UERJ. É a segunda produção bibliográfica coletiva do grupo sob minha organização, avançando no terreno farto e movediço, que articula artes da cena e feminismos. A primeira, intitulamos de O LIVRO DO MOTIM³ e foi lançada, em 2021, em tempos de pandemia e pandemônio político e social no Brasil.

O texto-portal a mim presenteado para este segundo rebento do grupo, foi enviado por uma de vocês, a querida Stela⁴, atendendo ao meu convite feito há um mês. Em tempo, que delicadas as suas palavras, Stela! É certo que irá enlaçar leitoras e leitores interessades nas investigações do grupo. É certo que nossos laços se estreitaram ainda mais profundamente após esta resposta irmã ao meu apelo de escrita.

...

Após a leitura de seu prefácio para os nossos ensaios, Stela, avancei no dia, seguindo com os olhos tristes, a partida de minha companheira para uma viagem

²O MOTIM – MITO, RITO E CARTOGRAFIAS FEMINISTAS NAS ARTES é um grupo de pesquisa certificado pelo CNPq desde 2015 e fundado na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), possui também vínculo com a Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc) e Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Com seu destacado caráter interinstitucional, o MOTIM dilui fronteiras acadêmicas que separam o Sudeste, do Sul e Nordeste do Brasil, construindo pontes entre artistas-pesquisadoras na circulação de discussões acerca da mulher, dos arquétipos femininos, das questões de gênero, dos diferentes feminismos e das interseccionalidades que norteiam as lutas das mulheres em solo nacional. Grupo de pesquisa registrado e certificado no DGP CNPq: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/633066>. Site: <https://amotinadas.wixsite.com/motim>

³Disponível no site: <https://amotinadas.wixsite.com/motim/livrosmotim>

⁴Stela Fischer é pós-doutora em Artes da Cena na Universidade Estadual de Campinas (2020); Doutora em Artes Cênicas pela Universidade de São Paulo (2017); Mestre em Artes (Teatro) pela Universidade Estadual de Campinas (2003); Graduada em Artes Cênicas pela Faculdade de Artes do Paraná, com Habilitação em Interpretação Teatral (1998) e Direção Teatral (2000). Sua tese de doutorado "Mulheres, performance e ativismo: a resignificação dos discursos feministas na cena latino-americana" recebeu o Prêmio Capes de Tese - Edição 2018, como melhor tese em Artes. Autora do livro Processo Colaborativo e experiências de companhias teatrais brasileiras, pela Editora Hucitec. Atualmente é docente do curso de Graduação em Artes Cênicas da Universidade Estadual do Paraná UNESPAR/FAP).

curta à Salvador. Sua querida tia faleceu na madrugada e ela foi acompanhar os ritos fúnebres, dar as mãos à sua mãe, na passagem de sua *mana* a outro plano de vida. Agora sozinha, sento-me ao sol e, da varanda vejo montanhas ao horizonte. Penso. Tantas teias entre mulheres! Tantos percalços e diversas vitórias. Gerações que se cruzam, vão-se e outras persistem em continuidade. Seguem tecendo fios, trançando redes.

Falando em redes, dias atrás, também recebi mensagem da amada Verônica⁵, parceira minha dos *Encontros Arcanos*⁶, e outra de vocês. Ao telefone, por whatsapp, escreveu:



⁵Atriz e encenadora, Bacharel em Artes Cênicas pela UNICAMP (1990), Mestre em Artes pela UNICAMP (Encenação -1996), Doutora em Artes Cênicas pela USP (Dramaturgia e Encenação, 2000), com pós-doutorado em Filosofia (Teatro e Filosofia, 2005/2006) na Universidade de Lisboa, junto ao Centro de Filosofia da Ciência. É professora colaboradora do Instituto de Artes da UNICAMP desde 1991 (efetiva em 1996). Foi Coordenadora pedagógica do bacharelado em Artes Cênicas da Unicamp de 2000 a 2005 e coordenadora do programa de pós-graduação em Artes desta mesma universidade (2006 - 2010). Diretora artística e atriz-pesquisadora da BOA COMPANHIA (grupo de criação e pesquisa da linguagem cênica, criado em 1992).

⁶Os *Encontros Arcanos* é um evento artístico-científico que vem se realizando desde 2014, e foram projetados para funcionar de modo anual, organizando suas temáticas de referência sempre a partir de uma das imagens arquetípicas contidas no Tarô de Marselha. Pensados a partir das atividades de pesquisa desenvolvidas pelo grupo de pesquisa ÍMAN – Imagem, Mito e Imaginário nas Artes da Cena, certificado pelo CNPQ, os *Arcanos* tem com vínculo de origem à Universidade Federal de Goiás – UFG, em parceria com docentes-pesquisadores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP e Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, como um dos mecanismos para viabilizar o estabelecimento de pesquisas e intercâmbios interinstitucionais. <https://encontrosarcanos.org/sobre/>

⁷ Flyer de chama à submissões no Dossiê temático *Ativismos Feministas nas Artes*, da Revista científica de Artes/FAP.

Oi Lu! Prazo prorrogado até 15 de julho (todas num sufoca danado, né?). Divulga no Motim! Seria muito chic ter um artigo seu...⁸

Não sei o que você quis dizer com *chic*, *Ver* (rs), mas intuo que você me recordava da importância de escritos meus estarem aqui neste dossiê, justo por conta de minha militância de anos na seara da cena e dos feminismos, que aprendi a amar e respeitar muito a partir do olhar sobre minha pesquisa da nossa amiga Brígida⁹. Reli a sua mensagem. E mais, fitei a imagem de chamada para o dossiê. Ali estava a também querida Fernanda¹⁰, minha *pareia* de mestrado/doutorado em artes da cena na Unicamp. Pela imagem, rememorei sua pesquisa poderosa em performance e fotografia, que discute o corpo da mulher gorda. Renovei o impacto.

Stela, Verônica, Fernanda, e ainda Lúcia Helena¹¹, que tive a alegria de estar em sua banca tempos atrás, e Juslaine¹², que ainda não conheço... Enfim, senti como um convite, mais que isso, uma convocatória! Até para representar o MOTIM no dossiê, já que muitos de meus/minhas orientandes estão prestes a defender e qualificar e precisariam se desdobrar para trabalhar em artigos neste momento. Mas o que escrever? Onde está meu ativismo hoje, como mulher e pesquisadora em arte?

⁸Mensagem trocada via whatsapp, entre Luciana Lyra e Verônica Fabrini, no dia 03 de julho de 2023.

⁹Verônica Fabrini é pós-doutora em artes pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), é professora Titular da Universidade do Estado de Santa Catarina, atuante no Departamento de Artes Cênicas nas áreas de Interpretação e Direção Teatral. Docente do Programa de Pós-graduação em Teatro (PPGT-UDESC) desde 2008, pesquisa e orienta dissertações e teses nas áreas de prática teatral, arte e gênero, teatro feminista, sistemas de treinamento de atores e atrizes, práticas marciais e meditativas.

¹⁰Fernanda Magalhães é artista, performer, ativista, gorda, feminista, fotógrafa e professora da Universidade Estadual e Londrina (UEL). Pós-doutora pelo LUME-UNICAMP (2016). Publicou “Corpo Re-Construção Ação Ritual Performance” (2010) e “A Estalagem das Almas” (2006). Recebeu o VIII Prêmio Marc Ferrez de Fotografia 1995 - Minc/Funarte pelo Projeto “A Representação da Mulher Gorda Nua na Fotografia”. Seu trabalho integra acervos como a Coleção Joaquim Paiva (MAM-RJ), Maison Européenne de la Photographie – MEP (Paris, França), Museu Oscar Niemeyer – MON (Curitiba, PR), entre outros.

¹¹Lucia Helena Martins é doutora em Teatro (UDESC- SC). Performer, professora, pesquisadora e diretora teatral. Professora CRES do curso de Licenciatura em Teatro da UNESPAR – FAP.

¹²Juslaine Nogueira é doutora em Educação pela Universidade Federal do Paraná - UFPR (2015), mestra em Letras pela Universidade Estadual de Maringá - UEM (2004), especialista em Literatura e Ensino (2001) pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Unioeste e graduada em Letras (1999) também pela Unioeste. Atualmente é professora adjunta do curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Estadual do Paraná/Unespar - campus de Curitiba II/FAP (Faculdade de Artes do Paraná

Por um instante, relembrei os tantos textos que venho urdindo nos últimos anos, tanto as dramaturgias, como também as diferentes colaborações com capítulos e artigos em outros dossiês, anais, coletâneas sobre artes e feminismos. Pensei que esse meu conjunto de textos aliado a outros textos de minhas companheiras formam um exército que avança na peleja contra a academia branca, cis, heterocentrada, europeizada. Palavras guerreiras prenes de luta.

Um novo texto aqui, sem dúvida, será mais uma batalha.

...

Pedi à Verônica, um pouco mais de prazo. Rs.

Perguntei se havia possibilidade de tramar um texto mais livre dos academicismos...

(Essa tem sido realmente uma militância)

Sim! Afirmou-me Stela.

Então, vou escrever! Confirmei resoluta!

Respirei.

...

Mas, o que dizer em palavras tatuadas neste branco papel? Neste dossiê?

Como engrossar o caldo deste caldeirão de bruxas e seus escritos?

...

Recobrei Anzaldúa (2000) e sua *carta às mulheres do terceiro mundo*, e pensei... Quando ela mesma se *sentou nua ao sol* para escrever incitando suas *hermanas*, eu era ainda menina, e hoje, assim como ela não vivo a academia apartada dos fios da vida. Ao contrário, vejo a universidade *alquimizada*, e por isso, assim como a parceira chicana, resolvi desatar esta epístola a vocês, *minhas queridas*. Começo assim... *Minhas queridas*¹³, como chamava Clarice às suas irmãs.

...

Minhas queridas,

¹³ Em alusão ao livro *Minhas queridas* (2007), de Clarice Lispector, organizado pela professora Teresa Montero, a partir de 120 cartas inéditas escritas por Clarice Lispector para as irmãs, Tania Kaufmann e Elisa Lispector, entre 1940 e 1957.

Não me sai da cabeça o desejo de falar sobre o ato de escrever de mulheres na academia em artes no Brasil, e mais, seus modos e publicizações em rede, como ativismo feminista. Com esta carta, desejo instalar um clima de intimidade pública com vocês, um efeito de presença, e, mimetizando o gesto aguerrido de Anzaldúa, falar sobre este assunto, rememorando passos nossos já caminhados na areia. À propósito, lembram dessa passagem dela?

Como é difícil para nós pensar que podemos escolher tornar-nos escritoras, muito mais sentir e acreditar que podemos! O que temos para contribuir, para dar? Nossas próprias expectativas nos condicionam. Não nos dizem a nossa classe, a nossa cultura e também o homem branco, que escrever não é para mulheres como nós? (...) Penso, sim, talvez se formos à universidade. Talvez se nos tornarmos mulheres-homens ou tão classe média quanto pudermos. Talvez se deixarmos de amar as mulheres sejamos dignas de ter alguma coisa para dizer que valha apenas. Nos convencem que devemos cultivar a arte pela arte. Reverenciarmos o touro sagrado, a forma. Colocarmos molduras e metamolduras ao redor dos escritos. Nos mantermos distantes para ganhar o cobiçado título de “escritora literária” ou “escritora profissional”. Acima de tudo, não sermos simples, diretas ou rápidas. Por que eles nos combatem? Por que pensam que somos monstros perigosos? Por que somos monstros perigosos? (ANZALDÚA, 2000, p. 230)

Forte, não é? Palavras que explodem contextos duros. Palavras direcionadas e interlocução reta, segura com leitoras ávidas de revolução. Mas lembremos também, Gloria Anzaldúa tece esta carta nos idos de 1980, é filha dos movimentos dos 1970 e, de certo modo, tem o suporte de muitas outras mulheres, que antes dela, já estavam em teia de atuação político-social. Em 1975, quando nasci, por exemplo, houve o primeiro Congresso Feminista no Brasil, de acordo com Maria Amélia Teles (1999), e muitas ali já estavam urdindo redes de ação.

Penso que minha mãe¹⁴, sendo contemporânea de Anzaldúa, formou-se psicóloga e psicanalista, foi professora da Universidade Católica de Pernambuco, e

¹⁴ Mariel Rocha Pereira de Lyra é mestra em Master of Science em Ciências da Educação pela Universidade Internacional de Lisboa (2005), graduada em Licenciatura e Formação em Psicologia pela Universidade Federal de Pernambuco (1972). Fundadora e pesquisadora-líder do Núcleo Floreser - Núcleo Interdisciplinar de estudo, pesquisa e clínica em Psicanálise (2020). Pesquisadora do Projeto PREAUT (2010). É membro representante da Intersecção Psicanalítica do Brasil junto à REPI-PE (Rede primeira infância de Pernambuco). Tem formação em Psicologia, sendo especialista em Psicologia

sendo da Paraíba, teve a ‘permissão’ paterna de migrar e fazer muito de sua estória. Contudo, enquanto ela teve oportunidade de se graduar, fazer mestrado, clinicar, ajudar a graduar outras mulheres, educar-me para a autonomia – o que não era exatamente uma regra – outras de suas amigas naquele contexto, e antes, a minha avó¹⁵, sua mãe, mal era concedida a possibilidade de ler e escrever.

...

A historiadora Michelle Perrot, em *Minha História de Mulheres* (2007), lembra que para o sexo feminino o ato de escrever (assim como a leitura), mesmo no século XIX e início dos XX, não era visto com bons olhos. É sabido que somente no século XIX, as mulheres brasileiras (certas mulheres) passaram a frequentar a escola e ter acesso à alfabetização (CANEN; XAVIER, 2000). Dessa forma, as que tinham impulso de escrever, o faziam às escondidas, adotando os diários e cartas para desaguar seus registros pessoais, naturalmente condenáveis e passíveis de destruição aos olhos das instituições pátrias vigentes: a igreja, o casamento, a família.

Nas palavras de Perrot:

[...] esse ato de autodestruição é também uma forma de adesão ao silêncio que a sociedade impõe às mulheres, [...] um consentimento da negação de si que está no âmago das educações femininas, sejam elas religiosas ou laicas, e que a escrita – assim como a leitura – contradizem. (1989, p. 13)

E olhe, *minhas queridas*, que quando falo de minha avó, de minha mãe, de Anzaldúa, de Perrot, falo exato de *certas mulheres* que, de alguma forma alçaram um status social de acordo com seus privilégios, seja pelo casamento ou pelos estudos, mas se eu for contar com as mulheres negras que me cercaram e cercam até hoje, as mulheres lésbicas, mulheres trans, decerto teríamos que contar outras histórias, que juntas constituiriam *(Her)stories*, onde narrativas orais, cartas, diários, escritas do universo privado, ganhariam ainda mais poder no sentido de fazer reconhecer o doméstico como experiência da vida pública, ampliando a interlocução com um

clínica e educacional pelo Conselho Regional de Psicologia. Professora aposentada pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), onde atuou durante três décadas.

¹⁵ Hosana Amaral da Rocha, paraibana e dona de casa.

coletivo de mulheres efetivamente mais subjetivo e polifônico, que tece sua própria *(her)story*. Diz Brígida de Miranda:

(...) o termo *(her)story*, um neologismo criado pela escritora, poeta, teórica e uma das mais influentes feministas estadunidenses na década de 1960: Robin Morgan. *(Her) story* é um trocadilho em língua inglesa com a palavra *(His)tory*. Morgan propõe uma performance com o termo *History*, destacando o pronome masculino “his” [dele] e o substituindo pelo pronome “her” [dela]. A proposta é escrever a história segundo a experiência das mulheres e de uma perspectiva feminista. Entendo que Morgan estabelece uma ação discursiva para chamar nossa atenção sobre como a *Historiografia* não é neutra nem universal. Ela parte da ideia feminista de que as práticas culturais são construídas no sistema patriarcal e operam em uma rede discursiva que, se por um lado privilegiam o universo masculino, por outro, criam uma sensação de neutralidade e universalidade, na qual o gênero não existiria. (2018, p. 233)

Ocupando a academia, nós mulheres hoje, sabemos o valor desta compreensão do passado de opressão e desta necessária multivocalidade, das narrativas múltiplas para compor uma memória comunal de mulheres, sabendo que estas narrativas, como a vida, se dão de forma fragmentar, aos pedaços, poções de tempo e espaço, estilhaços de espelhos, como diários, cartas... Desta forma, e reafirmando a força das mulheres que nos antecederam, tomamos a academia em rede e registramos a importância de firmar nosso discurso com modos próprios e possíveis maneiras renovadas de publicização na forma de ativismo. Noutro escrito, defendo:

A estratégia da rede parece desenhar os contornos de uma quarta onda, ou até um tsunami feminista, no dizer de Varella (2020), e fazer germinar, na contemporaneidade, o feminismo de calibre intrinsecamente interseccional, na medida em que busca fazer convergir, em variados vetores, as demandas de gênero com questões de raça, classe social, com o transfeminismo, o feminismo negro, o feminismo lésbico, as questões que afetam as mulheres indígenas e migrantes, entre outras. As redes parecem se traduzir numa força simbólica e potente que, ao congrega as ditas minorias, as transforma num corpo majoritário, que se desdobra em insurreição micropolítica, no sentido da preservação da vida. (LYRA, 2022, pp.145-146)

Foi com olhos na publicação em rede como estratégia política, que no livro celebrativo dos 20 anos da Associação brasileira de pesquisa e pós-graduação em artes cênicas (ABRACE), em 2020, resolvemos, eu e as professoras Brígida, Dodi Leal¹⁶, Lígia Tourinho¹⁷ e Lúcia Romano¹⁸, trocar nossas primeiras cartas e as transformarmos em capítulo do livro, como representação de nosso Grupo de trabalho (GT) *Mulheres da cena*, por nós fundado em 2018. Neste livro, em resposta à uma carta minha, disse Lúcia:

Esse fazer teatro e pensar feministas, portanto, não dizem respeito a um jeito nascido da experiência de ser mulher, mas a uma perspectiva - adotada conscientemente - que compreende que "considerações políticas" são formadoras da capacidade analítica e irão determinar o conteúdo do que criamos, atuando sobre a reflexão. É essa clareza que irá demandar modos de ação-reflexão que confrontam as estruturas de dominação, porque expandem as cabeças e corpos, apostando na capacidade das mulheres (mesmo quando privadas de direitos) e dos homens de lutarem por mudanças na sociedade e nelas e neles mesmos. Mas, toda essa defesa é para concordar que as ações em rede desenham uma saída que efetivamente amplia nosso escopo de artistas-pesquisadoras, e que têm força para contaminar o caráter do

¹⁶ Professora do Centro de Formação em Artes (CFA) e do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências (IHAC) - Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB), na área de Artes Cênicas. É docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais (mestrado profissional) - PPGER/UFSB e colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Teatro - PPGT/UDESC. É co-coordenadora do 'GT Mulheres da Cena' da ABRACE - Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas. Líder do Grupo de Pesquisa 'PEDAGOGIA DA PERFORMANCE: visuais da cena e tecnologias críticas do corpo' UFSB/CNPq. Doutora em Psicologia Social pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IP-USP), com estágio doutoral no programa de Doutorado em Estudos Artísticos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, concentração na área de Estudos Teatrais e Performativos. Licenciada em Artes Cênicas (CAC/ECA/USP).

¹⁷ Artista e pesquisadora carioca, docente da Universidade Federal do Rio de Janeiro desde 2004. É Artista do Movimento - Atriz e Artista da Dança. Professora do Depto. de Arte Corporal da UFRJ, Professora permanente do Programa de Pós-graduação em Dança (PPGDan/UFRJ), o qual foi a primeira coordenadora (entre 2019-21). É professora convidada da Pós-graduação em Laban/Bartenieff da Faculdade Angel Vianna (FAV-RJ). Foi Diretora da Associação Nacional de Pesquisadores em Dança (ANDA) - Gestão 2018-21 e atualmente faz parte do Comitê Editorial desta Associação - Gestão 2021-23. Doutora em Artes pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Mestre em Artes e Bacharel em Artes Cênicas pela mesma instituição.

¹⁸ Bacharel em Teoria do Teatro pela Escola de Comunicações e Artes da USP (1991), Mestre em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (em 2002, com orientação da Profa. Dra. Helena Katz) e Doutora pela ECA-USP (em 2009, com orientação do Prof. Dr. Jacó Guinsburg), tem experiência nas áreas de Artes Cênicas, Dança e Pedagogia, com ênfase em interpretação teatral, performance, corporeidade, performatividade de gênero, teatro e feminismo e processos de criação. Professora na Universidade Estadual Paulista JÚLIO DE MESQUITA FILHO, Instituto de Artes. Atriz fundadora dos grupos Barca de Dionisos e Teatro da Vertigem, atua hoje como intérprete e propositora na Cia Livre de Teatro. Co-coordenadora do GT Mulheres da Cena, da Abrace.

discurso e da prática sobre teatro, como fez Brígida conosco, por meio de sua pesquisa e da sua presença. (ROMANO apud BONFITTO; LYRA; TONNEZI (orgs.), 2020, pp.117-118)

À carta de Lúcia, Brígida respondeu, remontando a origem de nosso encontro tramado na rede do GT:

Alegro-me das nossas ações públicas e domésticas, para urdir esse G.T.. Concebido por cinco mulheres em Natal, e registrado naquela última assembleia do Congresso da ABRACE de 2018. Lá estávamos nós, Lígia, Dodi, Luciana, Lucia e Brígida nas conversas durante almoços e jantares a tecer os pontos de um novo grupo de trabalho dedicado a problematizar o teatro a partir de uma abordagem feminista e focar nos estudos sobre a mulher no teatro. Dodi, você se lembra de que foi você, após a Mesa Temática, intitulada “Vozes Feministas: arte e ativismo”, no X Congresso da ABRACE, que se aproximou de mim, e me convidou a formar um Grupo de Trabalho de mulheres? O processo de fundação do G.T. Mulheres da Cena, foi essa invenção contagiante que, a meu ver, agregou tantas outras mulheres nos apoiando. Você se lembra como em três dias conseguimos definir a proposta e reunir uma lista de quarenta mulheres pesquisadoras de teatro a referendarem a criação do G. T. Mulheres da Cena? E como foi bom ver que mesmo com todos os cortes de verba, as retiradas de apoios institucionais nós conseguimos cumprir nosso combinado: Fomos nós cinco, participar na Reunião Científica da ABRACE em Campinas, juntas e nos apoiando umas às outras em rede. (MIRANDA apud BONFITTO; LYRA; TONNEZI (orgs.), 2020, pp. 224-225)

Após esta publicação, o GT Mulheres da Cena, da ABRACE, tem continuado a ser um espaço diferenciado de diálogo sobre pesquisas de mulheres na academia em artes cênicas de todo o Brasil, dimensionando os avanços, identificando os desafios a serem enfrentados e evidenciando, simultaneamente, a necessidade de apoio mútuo entre os diferentes tipos de ações acadêmicas e dentro disso, o estímulo à adesão de modos de escrita próprios e publicações descoladas de academicismos inócuos.

Nesse sentido, o GT tem sido um espaço para exercitar um caminho de uma *escrita de si* (RAGO, 2013) como ato público, uma escrita que chamo de *f(r)iccional*, no limiar entre real e ficcional, e que, a meu ver, pode sustentar uma academia *despatriarcalizada*, como disse outro dia, escrevendo uma carta metafórica à Virgínia Woolf:

Pensar numa academia toda nossa é pensar na restauração dessas estratégias de pesquisa e escrita, também provocar agências de

fomento à pesquisa que possam financiar um novo pensamento e uma nova forma de expressão de pensamento, validando que as investigações e as suas escrituras rumem aos quintais, aos terreiros, aos ancestrais, aos campos de alteridade, *f(r)iccionalizando arte/vida* e justificando os discursos autorais. (LYRA, 2020a, p. 6)

Além do livro de 20 anos da ABRACE, outros escritos nossos ocuparam o espaço bibliográfico da associação e da pesquisa em artes da cena. Nos anais do XI Congresso da ABRACE, volume 21, publicado em 2021, autoras e autores¹⁹ como: Ian Guimarães Habib, Juçara Gaspar, Lúcia Romano, Gisele Petty, Viviane Palandi, Vanessa Freitas de Paiva Macedo; Renata Teixeira Ferreira da Silva, Elisa de Almeida Rossin, Patrícia Fagundes, Fabricio Theiss, Iassanã Martins, João Guilherme Mello de Souza, Maria Brigida de Miranda, Cleilson Queiroz Lopes, Luciana Lyra, Mariclécia Bezerra de Araújo, Brígida de Miranda; Flora Lyra da Silva Bulcão, Ligia Losada Tourinho, Mayra Montenegro de Souza, Marcella Nunes Rodrigues, Gisela Reis Biancalana e Bruna Leticia Potrich, apresentaram e publicaram uma miríade de pesquisas em andamento.

Entendo, que tais investigações e o material bibliográfico produzido nesta congregação de escritos, acabam por sedimentar ainda mais a jornada de luta por esta academia diversa e feminista, o que se desdobrou para as publicações no e-book *Abrace – como as artes da cena podem responder à pandemia e ao caos político no Brasil? (2021)*, também da associação, assim como apontou caminhos para os eventos recentes, como a XI Reunião Científica da ABRACE e o XII Congresso ABRACE - Artes Cênicas na Amazônia: saberes tradicionais, fazeres contemporâneos, ocorridos na região Norte do Brasil, entre 2022 e 2023.

Entretanto, antes mesmo da ABRACE, e da criação do GT Mulheres da cena, é importante ressaltar a ação conjunta de mulheres pesquisadoras em artes da cena no *Seminário Internacional Fazendo Gênero*, firmando nosso campo de saber neste evento bienal, que segue para sua 13 edição, em 2024, agregando investigações feministas nas mais diversas searas do conhecimento. Dez anos antes da criação do GT na ABRACE, em 2008, Brígida de Miranda na parceria com Lúcia Romano e Ciane

¹⁹ Indica-se a leitura desta bibliografia para conhecer mais as pesquisas, assim como autoras e autores.

Fernandes²⁰, propuseram o que seria o primeiro simpósio temático específico na área de teatro, no *Fazendo Gênero*, na UFSC. Diz Brígida:

Intitulado “Teatro e Gênero”, tal simpósio reuniu em torno de 40 pesquisadoras e pesquisadores de diversas universidades brasileiras. Distinto dos outros simpósios em campos correlatos como literatura, comunicação e cinema acolhidos pelo *Fazendo Gênero*, com legados de pesquisas expressas em comunicações mais fundamentadas nas teorias feministas, de gênero e queer, o nosso S.T. estava naquele momento abrindo o primeiro terreno e engendrando os primeiros textos na área de práticas teatrais e performance. (MIRANDA, 2018, p. 246)

E continua lembrando a prosseguimento do S.T. no evento, dois anos depois:

Em 2010, a segunda edição do S.T. “Teatro e Gênero” foi coordenada por mim e pela Dra. Kátia Paranhos (UFU), manteve, a meu ver, a proposta do primeiro evento: preparar o terreno e fortalecer as pessoas de teatro e dança que estavam “fazendo gênero” nas artes da cena. (MIRANDA, 2018, p. 246)

Com um intervalo de sete anos, em 2017, o S.T. *Teatro e Gênero* voltou à cena do *Fazendo Gênero*, agora sob o título *Engendramentos da Cena: práticas teatrais feministas na contemporaneidade*, adensando a parceria de Brígida comigo. Desta feita, já percebemos o crescimento das pesquisas na área, reunindo 41 comunicações de mestrandas, doutorandas e doutoras, que avançavam em articular cena e feminismos às teorias decoloniais e interseccionais.

Em 2022, preparando o terreno para a reunião da ABRACE, e ainda sob os vestígios pandêmicos, propusemos, no *Fazendo Gênero* não um S.T., mas uma mesa, de algum modo avaliativa, chamada *Uma década na trama do tempo: fazendo gênero no teatro*²¹, sob a coordenação de Brígida, com minha participação, de Lúcia

²⁰ Ciane Fernandes é professora titular da Escola de Teatro da Universidade Federal da Bahia e uma das fundadoras do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas desta universidade; pesquisadora Produtividade em Pesquisa pelo CNPq PQ-2; graduada em enfermagem, licenciada em artes visuais e especialista em saúde mental (arteterapia) pela Universidade de Brasília; mestre e Ph.D. em Artes & Humanidades para Intérpretes das Artes Cênicas pela New York University, Analista de Movimento pelo Laban/Bartenieff Institute of Movement Studies (New York), de onde é pesquisadora associada, e pós-doutora em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela UFBA.

²¹ Disponível para download em: <https://www.pimentacultural.com/livro/falas-percursos> Mesa disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UCfjehpcfGE>

Romano e de Daiane Dordete Jacobs²², tendo como debatedora a doutoranda Daiana Roberta Gomes (Udesc). A ideia da mesa era narrar o fortalecimento do campo de estudos sobre práticas cênicas feministas e representações de identidades de gênero na área das artes cênicas nas universidades brasileiras. Diz o escopo da mesa:

O objetivo é demonstrar a diversidade das propostas cênicas feministas florescendo em diferentes contextos brasileiros. O arco histórico de dez anos permite avaliar o percurso do campo, que passa pela reconciliação das mulheres de teatro com o feminismo; a valorização do emprego do termo teatro feminista e das suas estéticas; a aproximação entre os territórios da reflexão sobre o teatro, da prática cênica e do ativismo das mulheres; a demarcação de investigações cênicas singulares dos coletivos e artistas feministas no Brasil, a interseccionalidade entre diferentes demarcadores sociais e a ampliação dos estudos da mulher, numa perspectiva não-essencialista, com o ingresso de novos sujeitos de fala no debate. A afirmação de uma ação política de gênero a partir das manifestações da cena em campo expandido mostra-se estratégica para o reconhecimento de uma rede de trabalho e pesquisa que já forma gerações sucessivas de artistas-pesquisadoras-ativistas, apta a estabelecer diálogos produtivos com outras epistemologias e modos de fazer cênicos. O relato dessa construção abre caminho para formulações conjuntas de como o fazer gênero no teatro pode convocar forças para a reinvenção do imaginário e do mundo comum.²³

Faz-se mister ressaltar que, neste recorte temporal entre 2008 e 2023, do *Fazendo gênero à ABRACE*, aos encontros focais de grupos de pesquisas e mulheres, que não me ative aqui nesta carta, vem-se fomentando publicações de artigos em anais²⁴, no incremento destes modos de escritas e de discursos sobre os feminismos na interface com a variedade de cenas que deles eclodem.

Assim como estes anais engrossam o caldo do caldeirão das bruxas em pesquisas, a produção dos dossiês também tem sido muito importante para

²² Professora Associada do Departamento de Artes Cênicas da UDESC - Universidade do Estado de Santa Catarina, na área de voz/interpretação, e do Programa de Pós-graduação em Teatro da UDESC. Doutora e Mestre em Teatro pela UDESC. Bacharela em Artes Cênicas com habilitação em Interpretação Teatral pela FAP - Faculdade de Artes do Paraná (UNESPAR). Diretora Geral do Centro de Artes da UDESC (gestão 2021-2025).

²³ http://g2021.eventos.dype.com.br/atividade/view?q=YToyOntzOjY6InBhcmFtcyl7czozNjoiYToxOntzOjEyOiJJRF9BVEIWSURBREUiO3M6MzoiNjQ5Ijt9IjtzOjE6ImgiO3M6MzI6Ijlk1MDViODY0ZDVkMTQ1OTZiNjQ4ZWl4OGYyZWU3ZDU1Ijt9&ID_ATIVIDADE=649

²⁴ <http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/modalidadetrabalho/anais-posteres>
/ https://www.fg2021.eventos.dype.com.br/conteudo/view?ID_CONTEUDO=644
<https://www.publionline.iar.unicamp.br/index.php/abrace/index>

congregar, verticalizar e impactar o campo científico das artes, ocupando lugares ao sol. Antes deste dossiê, que estamos aqui construindo, *minhas queridas*, gostaria de rememorar outros três dossiês, que para mim reforçam a convicção de que publicar é um ato político.

Lançado em 2013, pela *Urdimento: Revista de Estudos em Artes Cênicas Revista (A1)*, singular periódico no campo das artes da cena, o Dossiê *Teatro, gênero e feminismos*, trouxe à tona as vozes²⁵ de: Lúcia Romano, Lucia V. Sander, Ana Ribeiro Grossi Araújo, Fabiana Lazzari de Oliveira, Rosimeire da Silva, Vera Collaço, Angela de Castro Reis, Janaina Träsel Martins, Daiane Dordete Steckert Jacobs, Eder Sumariva Rodrigues, Fátima Costa de Lima, Kátia Rodrigues Paranhos, Leon de Paula, Maria Cecília de Miranda N. Coelho, Peta Tait e Matra Robertson, Marisa Naspolini, Sandra Meyer, Vivian de Camargo Coronato, Tereza Mara Franzoni, Marco Vasques e Rubens da Cunha.

No seu editorial, as organizadoras explicitam:

No Brasil, os campos de estudos das mulheres, dos estudos feministas e dos estudos de gênero constituíram-se em áreas interdisciplinares de produções acadêmicas desde dos anos 80 do século passado. Pesquisadoras, principalmente das ciências humanas, literatura, ciências sociais, da saúde e do direito organizaram núcleos e institutos que têm promovido uma diversidade de ações, dentre as quais publicações e eventos acadêmicos de âmbito tanto nacional como internacional. Essas produções acadêmicas possuem uma relação dialógica com os movimentos sociais, no Brasil e na América latina, e tratam do corpo como uma entidade socialmente engendrada, isto é cuja existência performa papéis sexuais em uma sociedade marcada pela emergência de novas possibilidades identitárias. Neste âmbito, o teatro se redefine a partir do extenso campo teórico que são os estudos feministas e os estudos de Gênero. (MIRANDA; LIM; COLLAÇO, 2013, p. 11)

Em 2017, dando seguimento a este agrupamento inaugural de textos, organizei no volume 3, da *Revista Arte da Cena (A2)*, o dossiê intitulado MOTIM -

²⁵ Indica-se a leitura do dossiê para conhecer de perto as pesquisas e as citadas autoras-pesquisadoras.

Mito, Rito e Cartografias Femininas nas Artes da Cena. Sobre este dossiê, remonto aqui minha apresentação²⁶:

Alijadas, por séculos, de atividades ligadas ao intelecto e ao bem público, duvidadas no que tange à sua capacidade racional e de pensamento, mulheres sofrem com o silenciamento compulsório e a submissão ao discurso patriarcal em âmbito mundial. Tal obscurecimento e invisibilidade alcança massivamente os diversos nichos de conhecimento e atinge invariavelmente os espaços acadêmicos. Contudo, nos últimos vinte anos, vem se desvelando a notória e decisiva contribuição de várias pesquisadoras, entre professoras e alunas, em contexto internacional, e em específico no caso brasileiro. No campo das Artes da Cena, a quantidade e qualidade das investigações traçadas por mulheres no Brasil é evidente. O impacto de monografias, dissertações, teses, produções bibliográficas diversas, palestras e apresentações públicas desenvolvidas por mulheres está em franco crescimento, tramando uma rede de discussões, que acaba por ligar várias pesquisadoras na luta contra a perspectiva falocêntrica impetrada na academia. Na ideia de alargar as estratégias de insurreição contra o patriarcalismo acadêmico, criei, em 2015, o grupo de pesquisa MOTIM – MITO, RITO E CARTOGRAFIAS FEMINISTAS NAS ARTES, vinculado à Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), mas que no rastro da etimologia da palavra¹, desenvolve-se em rede, reunindo investigadorxs desta universidade e também da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e Universidade Estadual Paulista (UNESP), além de artistas independentes. (2017, p. 3)

E ainda reforço:

É indubitável, que o lançamento deste dossiê fomenta a construção de espaços bibliográficos dedicados aos estudos e debates da cena, sob a ótica e condução de mulheres, corroborando com as publicações que abordam estas temáticas e reconhecendo a produção intelectual de jovens pesquisadoras no Brasil. (2017, pp 3 -4)

Neste dossiê, acabamos por misturar propositadamente, textos de experientes autoras-pesquisadoras, como você, Stela, como Joice Aglae Brondani²⁷ e

²⁶ Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/artce/issue/view/1859>>. Acesso em: set. 2018.

²⁷ Professora da Escola de Teatro desde 2018. Atual coordenadora do PPGAC da UFBA. Pós-Doutora PNPD-CAPES-PPGAC-UFBA (2017-2018). Pós-doutora UNITO-IT (2015-2016, CAPES). Pós-doutora PRODOC-CAPES-PPGArtes-UFU-MG (2011-2014). Doutora pelo PPGAC-UFBA (2010), intercâmbio na Università di Roma (PN-IT). Mestre pelo PPGAC-UFBA (2006), intercâmbio em Paris X. Fundou a Cia

Kamilla Mesquita Oliveira²⁸, *alquimizando-os* com as então jovens pesquisadoras²⁹: Brisa Rodrigues, Jussyanne Rodrigues Emidio, Karla Lidiane Costa Martins Silva, Inácia Rita Maria Larissa Barros de Santana e Daniela Beny, num profícuo diálogo que mostrou possíveis publicações de processos em delicada germinação.

Como terceira publicação em dossiê, trago à baila o *Teatros Feministas: Lutas e Conquistas*, volume 3, número 33, também da *Urdimento Revista de Estudos em Artes Cênicas*, organizado por Brígida de Miranda, em 2018. Sobre este material, ela relata:

Composto por vinte e um (21) artigos o dossiê apresenta um espectro variado de abordagens: relatos de experiências teatrais feministas, reflexões que tencionam os limites das representações de gênero na cena, as interseções entre gênero, classe e etnia, a cena dos ativismos e das manifestações feministas frente ao cenário político contemporâneo. Em um momento em que políticas públicas pela equidade de gênero são colocadas sob a mira do conservadorismo, nós acreditamos na relevância de ações que fortaleçam práticas teatrais que coloquem os estudos de gênero em foco em espaços acadêmicos. Acreditamos que as universidades são lugares de produções de saberes e que estes serão sempre marcados por gênero, classe e etnia a despeito de nossas vontades. Assim, as tentativas de instaurar a ideia de neutralidade do conhecimento soam como tentativas de alijamento da capacidade de reflexão crítica, ação tão necessária para o pleno desenvolvimento do ser. Na primeira seção do periódico apresentamos o Dossiê Temático, onde as leitoras e leitores encontraram textos que delineiam estratégias de construção da cena feminista, por meio de relatos onde as autoras e/ou autores apontam como mulheres de teatro criaram formas teatrais para proposições feministas. (2018, p. 4)

Autoras/es-pesquisadoras/es³⁰ como: Ana Bernstein, Fátima Costa de Lima, Everton Lampe de Araújo, Fernanda Areias Oliveira, Fernando Augusto Nascimento, Iassanã Martins, Patricia Fagundes, José Ricardo Goulart, Júnia Cristina Pereira, Jussyanne Rodrigues Emidio, Luane Pedroso de Oliveira, Letícia Mendes de Oliveira,

Buffa de Teatro (BR, 1998) e Bottega Buffa CircoVacanti (IT, 2010-2014). Dirigiu 11 espetáculos, 26 indicações e 12 prêmios em festivais do Brasil

²⁸ Doutora em Artes da Cena pela Universidade Estadual de Campinas, e Mestre em Artes Cênicas pela mesma instituição. Especialista em Arte-Educação pela Universidade Federal de Brasília, e Graduada em Bacharelado e Licenciatura em Dança pela Universidade Estadual de Campinas. Atua como Docente do Curso de Licenciatura em Dança da UFAL, desenvolvendo atividades de pesquisa, ensino e extensão na área de Práticas de Dança.

²⁹Indica-se a leitura do dossiê para conhecer de perto as pesquisas e as citadas autoras-pesquisadoras.

³⁰ Idem.

Lúcia Romano, Margarida Gandara Rauen, Angelica Kauffmann, Maria Brígida de Miranda, Maria Livia Nobre Goes, Sérgio de Carvalho, Pamella Villanova, Priscila de Azevedo Souza Mesquita, Rosimeire Da Silva, Stefanie Liz Polidoro e Suzane Weber Silva, além de mim e você, Stela; compõem um elenco aguerrido que escrevem, muitos deles em primeira pessoa, suas experiências ao exercer a função de diretora, dramaturga, atriz, ou espectadora da cena feminista. Outros escritos tecem sobre a urgência de novas histórias do teatro brasileiro, que não releguem as mulheres aos seus bastidores, assim como outros mais pensam sobre as transformações contemporâneas no campo dos estudos de gênero e teorias queer.



31

Tendo estes três exemplos de dossiês, organizados entre 2013 e 2018 somados aos anais dos eventos supramencionados, que datam de 2010 e avançam ao ano de 2022, destaca-se a explosão de pesquisas entrelaçando os fios das artes da cena e dos feminismos, sedimentando um campo em franco desenvolvimento na academia brasileira, com horizontes líquidos de possibilidades. No dossiê de 2018, você ainda ressalta, Stela:

(...) é inegável a importância da universidade na produção e difusão da teoria crítica dos feminismos e dos estudos de gênero, nos diversos campos do conhecimento, que legitimaram os direitos civis e incentivam os processos intelectuais, as modificações comportamentais e os marcadores sociais. De acordo com a historiadora feminista Margareth Rago, “não há dúvidas de que o modo feminista de pensar rompe com os modelos hierárquicos de

³¹ Capas dos dossiês das Revistas Urdimento e Arte da Cena.

funcionamento da ciência e com vários dos pressupostos da pesquisa científica” (Rago, 1998, p. 10). Este tem sido um procedimento usual em instituições de ensino superior de países norte-americanos e europeus, acompanhando o desenvolvimento interdisciplinar dos estudos de mulheres e estudos de gênero (women’s studies e gender studies), desde os anos 1970, inclusive no campo da performance e do teatro (FISCHER, 2018,p. 302)

As publicações abordadas, junto com esta que agora emerge, forma um quarteto de dossiês, que consolidam nossos estudos, *minhas queridas*. Todos os escritos rememorados apresentam um panorama do lugar que as mulheres da cena ocupam nos diferentes campos científicos no Brasil, nestes últimos 13 anos, e mais, permitem que se estabeleça um espaço caloroso de reflexão, espalhando ideias, conceitos, tendências e fundamentando o debate na inspiração de novos estudos.

Em tempo, é natural que nestes atos de publicização estejam também apontados, e porque não dizer, denunciados os "tetos de vidro" que impedem as cientistas mulheres de ascenderem a espaços de maior prestígio e reconhecimento acadêmico, que constituem a legitimidade do nosso campo. Mas esse fato é motivo para nova carta, nova luta.

Por fim, entendo e estimo pensar, *minhas queridas*, que estimular publicações com tais conteúdos de luta, é também pensar nos modos de publicação, que aos poucos podem se contaminar dos modos de escrita antipatriarcais, na busca por uma *academia toda nossa*³²,

Uma academia que busca no caminho performático legitimar a natureza das experiências, escolhendo o caminho da floresta da performatividade que destampa desafios, imbricando ‘objeto’ e ‘sujeito’ de pesquisa, implodindo com a ideia de distanciamento do que se olha, do que se estuda, para imprimir um lugar sentido das coisas que se vive. (LYRA, 2020b, pp.6-7)

E para nós, mais e sempre mais, de Anzaldúa:

Joguem fora a abstração e o aprendizado acadêmico, as regras, o mapa e o compasso. Sintam seu caminho sem anteparos. Para alcançar mais pessoas, deve-se evocar as realidades pessoais e sociais — não através da retórica, mas com sangue, pus e suor.(2000, p. 235)

...

³²Em alusão ao artigo homônimo, de autoria de Luciana Lyra, publicado na Revista Dapesquisa-Udesc, em 2020.

A saber, ainda continuo frente ao mar, só que agora já é outra aurora, *minhas queridas*. Preciso findar por aqui, mesmo sabendo da relatividade do que escrevi, até porque não pretendo ser absoluta. Minha companheira acaba de voltar da viagem cansada, mas aliviada. Uma parte dela está morta – na partida de sua titia - e outra é vida viva, como estamos eu e vocês. Aprendendo assim, com os ciclos, deixemos morrer a invisibilidade, os modos de escrever e publicar fechados e hierarquizados impostos pela academia *falocentrada*. Façamos nascer renovados modos. Que possamos escrever outras cartas, nos correspondermos mais com as veias em chamas, para lançar ao fundo salgado d'água nossas redes com o vermelho do coração.

*Com amor inteiro e saudade que não estanca*³³, Lu.

REFERÊNCIAS

Bibliográficas:

ANZALDUA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. **Revista Estudos Feministas** (on-line). 2000, vol. 8, n.1, p. 229-236. ISSN 1806-9584. Recuperado de: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9880>. Acesso em: 22 de julho de 2023.

CANEN, A.; XAVIER, L. N. Multiculturalismo, memória e história da educação brasileira: reflexões a partir do olhar de uma educadora alemã no Brasil Imperial. In: MIGNOT, A. C. V.; BASTOS, M. H. C.; CUNHA, M. T. S. (Org.). **Refúgios do Eu**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2000.

FISCHER, S. A crescente disseminação dos estudos feministas na pesquisa em Artes Cênicas e suas contribuições para a criação de ações disruptivas institucionais. **Urdimento: Revista de Estudos em Artes Cênicas**, Florianópolis, v. 3, n. 33, p. 296-310, 2018. DOI: 10.5965/1414573103332018296. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/1414573103332018296>. Acesso em: 28 jul. 2023.

LISPECTOR, Clarice. **Minhas Queridas**. Rio de Janeiro, Editora Rocco, 2007.

³³ Trecho da dramaturgia *Quarança*, de autoria de Luciana Lyra, publicada em 2017, pela editora Giostri, de São Paulo.

LYRA, Luciana. Rede amotinada: Feminismos, cena e resistência na academia em artes. In HABIB, I. G; ROCHA, L.V.; CARVALHO, M.M; FREIRE, R. S. **Desmonte 2: Corpo, gênero e interseccionalidades**. Salvador-BA, Editora Anda, 2022.

LYRA, L. de F. R. P. de. Uma academia toda nossa. **DAPesquisa**, Florianópolis, v. 15, n. esp., p. 01-08, 2020a. DOI: 10.5965/1808312915252020e0027. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/dapesquisa/article/view/17928>. Acesso em: 28 jul. 2023.

LYRA, L. de F. R. P. Escrita acadêmica performática... Escrita F(r)iccional: Pureza e perigo. **Urdimento: Revista de Estudos em Artes Cênicas**, Florianópolis, v. 2, n. 38, p. 1-13, 2020b. DOI: 10.5965/14145731023820200033. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/17759>. Acesso em: 25 jul. 2023.

LYRA, Luciana. O Motim cartografando rastros e vestígios de pesquisas tramadas por mulheres nas artes da cena. **Arte da Cena (Art on Stage)**, Goiânia, v. 3, n. 1, p. 003–007, 2017. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/artce/article/view/48153>. Acesso em: 25 jul. 2023.

LYRA, Luciana. **Dramaturgia Feminista. Fogo de Monturo e Quarança**. São Paulo, Editora Giostri, 2017.

MIRANDA, Maria Brígida. Colcha de Memórias: Epistemologias Feministas nos Estudos das artes da cena. **Urdimento: Revista de Estudos em Artes Cênicas**, Florianópolis, v. 3, n. 33, p. 296-310, 2018. DOI: 10.5965/1414573103332018296. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/1414573103332018296>. Acesso em: 28 jul. 2023.

MIRANDA, B.; LEAL, D.; TOURINHO, L.; ROMANO, L.; LYRA, L. Cartas às mulheres da cena. In TONEZZI, J; LYRA, L. e BONFITTO, M. **ABRACE 20 anos: celebrando a diversidade** [recurso eletrônico] / Natal: Universidade de Brasília, Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, 2020. 382 p. : il

MIRANDA, B.; LEAL, D.; TOURINHO, L.; ROMANO, L. Bilhetes de mulheres da cena em resistência. In TERRA, A; GERALDI, S.; BONFITTO, M.; FERRACINI, R.. **Como as artes da cena podem responder à pandemia e ao caos político no Brasil?** [recurso eletrônico] / organizadores: Ana Terra ... [et al.]. – Campinas: Universidade de Brasília, Programa de Pós-Graduação em Artes, 2021. 1545 p. : il.

MIRANDA, B.; DORDETTE, D.; LYRA, L.; ROMANO, L.; ROBERTA, D. Uma década na trama do tempo: Fazendo gênero no teatro. In SILVA, JANINE GOMES; ZANDONÁ, J.; BRANDÃO, A.S.; GASPARETTO, V.F. **Falas, percursos, práticas e modos de (r)ex(s)istir**. São Paulo, 2023.

TELES, Maria Amélia de Almeida. **Breve história de feminismo no Brasil**. São Paulo: Editora Brasileira, 1999.

PERROT, Michelle. **Práticas da memória feminina**. Revista Brasileira de História. São Paulo, n. 18, 1989.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

RAGO, Margareth. **A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2013.

Links:

Anais

Anais Abrace 2018

<https://www.publonline.iar.unicamp.br/index.php/abrace/issue/view/123>

Anais Fazendo Gênero 11

<http://www.wvc2017.eventos.dype.com.br/site/anaiscomplementares>

Anais Fazendo Gênero 12

https://www.fg2021.eventos.dype.com.br/conteudo/view?ID_CONTEUDO=644

Dossiês

Teatros Feministas: Lutas e Conquistas (2018)

<https://www.revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/1414573103332018231>

MOTIM - Mito, Rito e Cartografias Femininas nas Artes da Cena (2013)

<https://revistas.ufg.br/artce/issue/view/1859>

Teatro, gênero e feminismos (2013)

<https://www.revistas.udesc.br/index.php/urdimento/issue/view/313>

Recebido em: 28/07/2023

Aceito em: 25/09/2023